

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, HISTÓRIA E DOCUMENTAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

FRANCIELLI KARINY MONTEIRO MACHADO

MÍDIA E ENSINO DE HISTÓRIA: LEVANTAMENTO DAS PERCEPÇÕES DE  
DISCENTES DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM  
CUIABÁ-MT

CUIABÁ

2020

FRANCIELLI KARINY MONTEIRO MACHADO

MÍDIA E ENSINO DE HISTÓRIA: LEVANTAMENTO DAS PERCEPÇÕES DE  
DISCENTES DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM  
CUIABÁ-MT

Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) apresentado  
como requisito parcial para obter aprovação do curso de  
Licenciatura em História pela Universidade Federal de  
Mato Grosso.

Orientador: Edvaldo Correa Sotana.

CUIABÁ

2020

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo pensar a mídia como um recurso a ser utilizado na educação básica. A mídia vem ganhando cada vez mais espaço na sociedade e, inseri-la no ambiente escolar de forma que faça parte do processo de formação dos jovens cidadãos, é fundamental, pois são eles que absorvem os conteúdos midiáticos e reconstróem a sociedade. Em vista disso, com o presente trabalho procuramos contribuir com as discussões sobre mídia e educação, considerando as possibilidades e impasses para a utilização da mídia nas aulas de história da educação básica. Assim, neste Trabalho de Conclusão de Curso coletamos e descreveremos as opiniões dos discentes da Escola Estadual Professora Eliane Digivov de Santana, da cidade de Cuiabá-MT, sobre mídia e ensino de história. Além da aplicação de questionário, o trabalho também contou com a pesquisa bibliográfica.

**Palavras-chave:** Cidadania, Ensino de História, Mídia.

**Abstract:** This paper aims to think of the media as a resource to be used in basic education. The media is gaining more and more space in society and insert it into the school environment in a way that is part of the formation process of young citizens. It is fundamental, as they are the ones that absorb the media content and reconstruct society. In view of this, with this paper we try to contribute to the discussions on media and education, considering the possibilities and impasses for using the media as a tool for basic education, especially in history lessons. In this Course Conclusion Paper, we will describe the opinions of the students of the Escola Estadual Teacher Eliane Digivov de Santana, in the city of Cuiabá-MT, about media and history teaching. In addition to the application of a questionnaire, the work also included bibliographic research.

**Keywords:** Citizenship, History Teaching, Media.

## Sumário

1. Introdução.....	5
2. Cidadania.....	8
3. Comunicação .....	10
4. Mídia e o Ensino de História .....	12
5. Resultados obtidos com os questionários:.....	14
6. Considerações finais.....	24
7. Referências: .....	25
8. Anexos.....	30

## 1. Introdução

Observando os avanços tecnológicos vivenciados nos últimos tempos, a ideia geral do presente estudo é contribuir na reflexão sobre o papel exercido pela mídia na sociedade, bem como seu lugar nos processos formais de ensino e aprendizagem. Especificamente, pensar os diversos meios midiáticos, refletir sobre a percepção dos discentes quanto as diferentes funções da mídia e como compreendem o ensino de história.

As diferentes tecnologias exigem conhecimentos imediatos, sobretudo as tecnologias de comunicação e informação que emitem notícias e conteúdos novos constantemente. Além disso, as escolas que, muitas vezes, fazem uso da metodologia tradicional para o ensino, com livros didáticos, lousa e giz, podem tornar-se pouco atrativas para os alunos, pois “A escola sofre e continua sofrendo, cada vez mais, a concorrência da mídia, [...] com formas de transmissões diferentes das que têm sido realizadas pelo professor que se comunica pela oralidade, lousa, giz, cadernos e livros, nas salas de aulas.” (BITTENCOURT, 1998, p. 14)

Inserir a mídia no ensino básico não aparenta ser uma questão fácil. Segundo Zancheta (2017), a própria história da escola brasileira contribuiu para mantê-la longe dos meios de comunicação. Em muitos casos, a não utilização da mídia não se dá por falta de interesse, mas sim, por falta de recursos tanto materiais quanto financeiros, ou, até mesmo, lacunas de formação para professores. Ainda assim, devemos ressaltar que:

A despeito da falta de conhecimento produzido na academia ou das dificuldades para se trabalhar com meios de comunicação na educação básica, [...] devemos ressaltar a importância de utilização de diferentes mídias para a formação do cidadão. (SOTANA, 2016, p.234)

Também é preciso observar a existência de trabalhos desenvolvidos a respeito da mídia como metodologia de ensino, alguns até específicos na área de História. Para a realização deste artigo destacam-se os trabalhos desenvolvidos por Maria da Graça Setton (2011), Leandro Karnal (2007), Juvenal Zancheta (2005, 2009, 2010 e 2017), Marcos Napolitano (2008) e Circe Bittencourt (1998), dentre outros pesquisadores que contribuem para discutir possibilidades e dificuldades com relação à utilização da mídia no ensino. Mesmo elencado algumas pesquisas, ainda é possível inserir neste campo investigações que contribuam com essa temática, em específico na disciplina de História.

De modo geral, a disciplina de História no ensino básico tem como objetivo analisar e compreender as relações humanas em diferentes contextos e tempos, não com o intuito de formar pequenos historiadores, mas propor o conhecimento dos fatos históricos. Para isso,

pode-se utilizar de diferentes recursos e fontes, além da lousa, giz e manuais didáticos, que auxiliem na compreensão dessas relações. E, como menciona Napolitano (2005), os meios de comunicação são fenômenos seculares cada vez mais sofisticados. “Esse fenômeno, já secular, não pode passar despercebido pelos historiadores, principalmente para aqueles especializados em História do século XX.” (NAPOLITANO, 2008, p. 235)

Assim sendo, o objetivo inicial da pesquisa é discutir questões ligadas à mídia<sup>1</sup> e o ensino de história. Além de perceber a possibilidade de contribuir com uma área de pesquisa, deve-se destacar o modo como a realização do estágio supervisionado contribuiu para que chegássemos a nossa proposta de estudo. Percebemos durante as aulas no estágio realizado nas escolas públicas de Cuiabá, entre maio de 2018 e dezembro de 2019, era frequente que os adolescentes utilizassem do aparelho celular de diferentes formas. Recorriam aos aparelhos para ouvir música enquanto copiavam o conteúdo da lousa, para acessar as redes sociais, para compartilhar uma determinada notícia com a turma ou para juntar os colegas e jogar uma partida on-line durante a aula e muitas vezes até ignorando a presença do professor. Alguns alunos até levavam para a sala uma opinião já formada sobre um acontecimento histórico, com base em filmes e novelas, e questionava o professor por apresentar o mesmo conteúdo de forma diferente como já haviam visto nos filmes ou novelas.

Diante disso, o questionamento é “a mídia e a História são antagônicas ao relatar um evento?” Circe Bittencourt apresenta a ideia de que há uma nova geração em que: “A História oferecida para as novas gerações é a do espetáculo, pelos filmes, propagandas, novelas, desfiles carnavalescos.” (BITTENCOURT, 1998, p.14). Essa forma de ver a História não é errada, mas é necessário que faça parte do ensino, pois entendemos que temas devem ser compreendidos de forma crítica, e não somente como algo bonito e admirável. É preciso despertar nos ouvintes, telespectadores e usuários de redes sociais, em especial os que estão dentro da sala de aula, um senso crítico com relação ao que veem e ouvem nas mídias.

Com isso, talvez seja possível se aproximar do cotidiano do aluno, de poder fazer com que eles se sintam construtores de uma história, posto que “A mídia é responsável pela veiculação de um tipo de conhecimento distinto do difundido pela história, porém atua na construção do conhecimento histórico” (CORREA, 2017, p.193)

Com base em tais questionamentos e utilizando a experiência vivenciada no estágio, definimos os objetivos específicos do nosso estudo. De modo específico, este trabalho visa

---

<sup>1</sup> Como apresenta Juvenal Zancheta (2017, p. 1057) entende-se por mídia uma ferramenta de comunicação “[...] conjunto formado por televisão, rádio, cinema, jornais e revistas impressas e digitais entre outros MC que permite a difusão de informação noticiosa e de entretenimento no trabalho particular de cada veículo ou em rede.”

conhecer a opinião de um público específico (discentes) sobre mídia e ensino de história. Assim, contamos com a colaboração de alunos do 3º ano do Ensino Médio de uma Escola Pública, localizada na cidade de Cuiabá – MT. Tais discentes se dispuseram a responder um questionário relacionado à mídia e ao ensino de história, durante a realização do Estágio Supervisionado IV. A ideia de aplicar os questionários foi tentar compreender, a partir dos próprios discentes, como eles compreendem o ensino de história e como eles utilizam a mídia. Ao todo, o questionário aplicado possuía onze questões, sendo assim distribuídas: quatro sobre o perfil do público-alvo, quatro sobre ensino de história, uma sobre acesso à internet e duas para expor o entendimento dos discentes sobre a mídia.

Vale esclarecer que, para Gil (1999, p.128), o questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas”. Ainda segundo o autor, tem “por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

Além disso, o desenvolvimento desse trabalho será fundamentado em bibliografias. Tal técnica consiste no “[...] levantamento dos livros, periódicos e demais materiais de origem escrita que servem como fonte de estudo ou leitura.” (FACHIN, 2005, p.122). Com base nas leituras, o trabalho busca refletir sobre como as aulas de história, na visão dos alunos, podem contribuir para a formação do cidadão e seu relacionamento com a mídia.

Portanto, a escola pode ser uma forma de auxiliar na utilização da mídia, em especial a disciplina de História, a qual uma das formas de trabalho é analisar e desenvolver pensamentos críticos. A própria Base Nacional Comum Curricular<sup>2</sup> menciona que a reflexão crítica é uma contribuição essencial das ciências sociais. Além disso, a construção do cidadão está ligada com o processo de formação escolar. Por essas razões, tem-se o interesse de fomentar a discussão sobre como a escola tem contribuindo para a formação do cidadão em relação à mídia.

A partir das questões apresentadas acima, o artigo abordará nos próximos tópicos um breve debate sobre a construção da cidadania. Depois, apresentará a ideia de comunicação desenvolvida neste trabalho. Em seguida, discutirá qual a contribuição do ensino de História na relação de cidadão e mídia. Na sequência, trataremos do tema central, que consiste em apresentar as posições apresentadas pelos alunos nos questionários sobre mídia e o ensino de história. Por fim, o leitor encontrará considerações pontuais.

---

<sup>2</sup> A Base Nacional Comum Curricular, Prevista na Constituição de 1988, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, e no Plano Nacional de Educação, de 2014, é um documento de referência nacional para as instituições de ensino se orientam para elaborar seus currículos e propostas pedagógicas.

## 2. Cidadania

A partir do senso comum, a cidadania é compreendida como exercício dos direitos e deveres. O que é uma frase clichê dentro da sociedade e, muitas vezes, reforçada em comerciais e até mesmo dentro do ensino básico.

Em buscas rápidas na internet sobre definição da cidadania, os resultados que aparecem com mais frequência são de vídeos ou artigos que falam a respeito dos direitos e deveres do cidadão. Em um vídeo encontrado no Youtube, realizado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, 2015), em que pergunta para algumas pessoas na rua sobre “o que é cidadania?”, das 13 pessoas que aparecem no vídeo como entrevistadas, as respostas mais frequentes foram: Respeitar e cuidar do outro; não entende do assunto; são as atitudes no dia a dia; deveres e direitos de uma sociedade.

Embora pudesse haver no vídeo a opinião de alguém que tenha conhecimento desse assunto, a ideia de expor o que a sociedade entende por cidadania, apesar de que o vídeo retrata uma pequeníssima parte da sociedade, e embora não seja esse o debate aqui, o vídeo leva a refletir sobre como é construída a conscientização do cidadão sobre o papel da cidadania.

No dicionário de Língua portuguesa Aurélio (1999, p. 120), a definição encontrada é: “Cidadania.” como “qualidade ou estado de cidadão”. E ainda no mesmo dicionário, encontra-se o conceito de cidadão da seguinte forma:

“Cidadão.” Def. 1e. Indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado, ou no desempenho de seus deveres para com este. Def. 2e. Habitante da Cidade. Def. 3e. *Pop.* Indivíduo, homem, sujeito: *esteve aí um cidadão procurando você.*

As definições remetem a ideia do exercício dos direitos e deveres. Mas é preciso lembrar que os direitos em que tanto se fala e estão vigentes na atualidade, não existem desde sempre e nem foram uma simples concessão de quem detém o poder. São resultados de muitas lutas e conquistas. A ideia de cidadania apresentada até o momento leva a pensar que todos conhecem os direitos que lhes são atribuídos e os exercem.

Na obra de José Murilo de Carvalho “Cidadania no Brasil: o longo caminho percorrido” o autor apresenta a trajetória da construção da cidadania brasileira:

Percorremos um longo caminho, 178 anos de história do esforço para construir o cidadão brasileiro. Chegamos ao final da jornada com a sensação desconfortável de incompletude. Os progressos feitos são inegáveis, mas foram lentos e não escondem o longo caminho que ainda falta percorrer (CARVALHO, 2002, p. 219).

O período colonial deixou fortes marcas na contemporaneidade. Uma delas diz respeito ao passado escravocrata, período em que se concentrou grande número de escravos, e que direitos como liberdade e igualdade não eram reconhecidos para esse grupo. São pensamentos que se manteve por séculos, construindo uma forte mentalidade de desigualdade, e que são notáveis ainda na sociedade, pois está marcada na construção da história do Brasil.

A sociedade brasileira precisa ainda encarar as heranças coloniais. Mesmo com as mudanças ocorridas, não houve uma preparação da sociedade para tais mudanças. Não houve uma conscientização do povo a respeito dos seus direitos. O comportamento de cidadão não é um processo rápido, ainda mais em uma sociedade que por muito tempo fez-se brutalmente a distinção da classe dominante e da classe inferior.

Desde o período colonial, passando pelo Império e chegando à República, temos praticado uma cidadania incompleta e falha, marcada por políticas de mandonismo, muito patrimonialismo, várias formas de racismo, sexismo, discriminação e violência. (SCHWARCZ, 2019, p 19)

A ideia de cidadania é além da que é apresentada no senso comum, como direitos e deveres, ela é também uma construção. E por isso a ideia de cidadania presente neste trabalho é próxima àquela apresentada pelo historiador Jaime Pinsky (2005, p. 9) que assim define:

Afinal, o que é ser cidadão? Ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei: é, em resumo ter direitos civis. É também participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participação do indivíduo na riqueza coletiva: o direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, a uma velhice tranquila.

E assim, como apresenta Jaime Pinsky (2005), a cidadania é um conjunto de direitos essenciais para o indivíduo. E que todos precisam ter acesso e conhecimento, para que assim exerça a cidadania, que como apresentado na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 no Art. 5º “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.” (BRASIL, 1988).

Porém de que adianta a garantia de direitos na legislação se temos pouco conhecimento deles? Considerando que os direitos civis e sociais são bases para a cidadania, deve-se destacar aqui o papel da comunicação. Pois a comunicação contribui para a transformação da sociedade, permitindo a circulação e trocas de informações e conhecimentos, bem como a participação do

indivíduo na construção da cidadania, de modo que tenha pleno conhecimento dos seus direitos e deveres dentro da sociedade.

### 3. Comunicação

Comunicação é um assunto bastante amplo, que está inserida em diversos contextos, como a comunicação social, comunicação pública, comunicação interpessoal e tantas outras formas que estão presente no cotidiano. Por ser um campo de pesquisa bem vasto, os autores dessa área definem a comunicação de diferentes maneiras. Na concepção de Jorge Duarte (s/d, p 4)

Comunicação é um processo circular, permanente, de troca de informações e de mútua influência. A troca de informações faz parte do processo de comunicação. Informação é a parte explícita do conhecimento, que pode ser trocada entre pessoas, escrita, gesticulada, falada, utilizada para tomada de uma decisão.

No verbete segundo a definição de Renata Coelho (2014), comunicação é pensar nas trocas que ela proporciona:

**Comunicação.** É ação de partilhar as informações em comunidade. - É o compartilhamento das impressões e experiências vividas ou sentidas. - É toda troca de interações sejam elas sociais, psicológicas, manuais, verbais ou de experiências. (COELHO, 2014, p.22)

No entanto, neste trabalho a ideia de comunicação pode ajudar a pensarmos nas informações enviadas e recebidas, bem como os meios pelos quais circulam essas informações. Além disso, há uma questão mais abrangente e que será apenas pontuada aqui: Como o processo de comunicação pode interferir no exercício da cidadania?

Para Ciro Marcondes Filho (2008, p. 8) comunicação “é exatamente isso: o fato de um receber o outro, a fala do outro, a presença do outro, o produto do outro e isso me transforma inteiramente.” Ou seja, Marcondes diz que o ser humano sinaliza o tempo todo, mas isso não é comunicação, a comunicação acontece quando o receptor desses sinais se volta para ele e consome àquilo que está sendo sinalizado, e isso causa no receptor algo novo, uma transformação. E então para haver a comunicação depende de o receptor estar interessado em receber a mensagem.

Também é preciso lembrar que a comunicação é um direito do ser humano. Tal direito está previsto na Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), a qual só é criada no pós- Segunda Guerra Mundial.

Não se pode dizer, pois, que a sociedade internacional sempre reconheceu o ser humano como detentor de direitos e obrigações. Reconhece-o como tal somente depois das tragédias bélicas do século XX. Aparece desta sorte a primeira declaração de Direitos da Humanidade, que é a Declaração Universal dos Direitos Humanos, só depois da II Guerra Mundial. (SORTO, 2008, p. 11-12)

Publicada em 1948, a declaração estabeleceu o direito a comunicação. Segundo o Art. XIX: “Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.”

Antes da criação da referida declaração, o mundo passou por violentos conflitos. Anterior a esta Declaração, Sorto (2008) menciona sobre os debates que ocorreram a respeito da criação das cartas e declarações que defendesse os Direitos Humanos. Em uma carta das Nações Unidas, de 1945, aparecem no preâmbulo que o intuito de assegurar os direitos humanos seria um meio de reparo as calamidades causadas pela guerra, mas esses direitos não deixam imunes e nem apagam as cicatrizes de um passado turbulento.

Mesmo com tais documentos, o exercício dos direitos não é tarefa simples. Ainda que existam diversos documentos que asseguram os direitos do homem, questiona-se novamente sobre de que adianta a garantia dos direitos se temos pouco conhecimento dos mesmos? E se após a Segunda Guerra Mundial, foi necessário estabelecer a comunicação e a informação como direitos básicos do ser humano, atualmente o problema parece ser outro.

Compreendendo que a comunicação é um direito, faz-se necessário também pensar os meios por quais ocorrem à comunicação. Outro autor também da área de comunicação diz que “Em outras palavras, em toda troca de informação entre pessoas ou coisas tem de haver uma fonte, um receptor, um canal de comunicação chamado veículo, e uma mensagem.” (THOMPSON, 1973, p. 14). Nesse ponto, temos interesse pelas diferentes mídias, seus produtos e o ensino de história.

Cabe novamente lembrar Marcondes (2011, p.9), pois o autor apresenta uma problemática com relação à circulação das mensagens dizendo que “Há que se considerar, também, que em plataformas como estas o silêncio tem como função totalmente diferente da do presencial. Não se sabe por que o interlocutor silenciou [...]” Neste trecho, Marcondes se refere às informações emitidas pelo Twitter, que também é uma ferramenta midiática, Marcondes diz que as redes sociais são uma piscina de informações.

A comunicação possibilita uma conexão imediata e parece transformar o mundo em um Espaço Elástico, onde é possível trocas de informações com certa rapidez. Portanto, é importante chamar atenção para mídia e ensino de história.

#### **4. Mídia e o Ensino de História**

Pode-se dizer que a mídia tem uma base cultural, educativa e de socialização, como afirma Maria da Graça Setton sobre mídia:

Em síntese, conceber as mídias como matrizes de cultura é considerá-las um sistema de símbolos com linguagem própria, distinta das demais matrizes de cultura (imagem, som, textos, e a mistura de todos eles) que compõe o universo socializador do indivíduo contemporâneo (SETTON, 2017, p.7)

É preciso lembrar também que a cultura passou a fazer parte de um sistema de mercadoria, que segundo Jorge Luiz Zaluski (2013), transforma o homem em consumidor compulsivo, sejam com materiais físicos ou informativos. O processo de socialização está inserido na formação humana e, assim como outros meios de caráter socializador, tem o intuito de transmitir determinados ideais.

Desse modo, quanto ao processo educativo:

A escola é a instituição responsável pela formação educacional no Brasil, mas os demais agentes públicos devem contribuir para tanto. Entre eles, estão os canais oriundos de concessão pública, como os de televisão (aberta ou fechado), de rádios, e aqueles que se utilizam do espaço telefônico (sobre o qual se estabelece a internet) (ZANCHETA. 2019, p.1057)

A partir disso, não parece fazer sentido, muitas vezes, a mídia estar distante da instituição que tem maior compromisso com a educação, a escola. A mídia precisa fazer parte do ambiente escolar, pois ela pode interferir no modo de como as pessoas enxergam o mundo, e isso exige repensar a formação dos cidadãos, bem como os meios e fins pelos quais e para os quais são formados. Como afirma Setton (2017, p.9) “[...] as mídias falam com alguém, exprime uma ideia, um conteúdo, tem a intenção de transmitir, divulgar conhecimentos, habilidades e competências.” A mídia produz conteúdos. E é preciso pensar em tais produções.

O uso da mídia no ensino precisa ser além do que uma nova metodologia, como o ato de levar os discentes para o laboratório de informática e pedir para que façam pesquisas sobre um determinado assunto e ao fim da atividade apenas atribuir notas para os alunos. Isso não

ajudará na formação crítica para leitores de conteúdos midiáticos, e sim contribuirá para a formação de jovens copistas.

A preocupação em tornar alunos críticos, construtores de conhecimento irá diminuir os problemas causados pelo desenvolvimento tecnológico exagerado, além de que o trabalho de forma correta, direciona-se como um dos pontos principais a ‘resistência dos moldes de reprodução.’(ZALUSKI, 2013, p.276)

Mas, se junto a essa atividade o professor, realizar uma leitura e debate sobre o assunto pesquisado pelos alunos, com o intuito de apresentar os diferentes contextos encontrados na mídia a respeito do mesmo assunto, os discentes poderão compreender que nem sempre é confiável adotar as informações que encontrou na primeira busca. Como bem observou Napolitano:

Um mesmo acontecimento histórico, dependendo do seu impacto social ou do seu interesse para a mídia, passa pelas três operações. Na primeira delas (o registro do dado), o acontecimento é registrado e repassado ao público em suas informações básicas (o que, quando, onde, quanto etc). Na segunda operação (a caracterização do fato), esse conjunto de informações brutas é inserido numa rede de causalidade e efeitos imediatos. Na terceira fase (a narrativa do evento), quase sempre reservada a acontecimentos de grande impacto social ou de importância estratégica para os interesses da mídia, os elos causais ganham a conotação narrativa e valorativa, adensados por um conjunto de implicações sociais de caráter ideológico mais amplo. (NAPOLITANO, 2008, p. 249-250)

Considerando essa ideia, é possível entender que cada grupo midiático faz suas escolhas sobre como apresentar os fatos, escolhendo o que é interessante expor para seu público. Outro fato que precisa ser considerado, é que nem sempre a informação será compreendida da forma como de fato foi anunciada. A mídia aparenta ter o compromisso de apresentar “a verdade” de um fato, enquanto o compromisso da História é de problematizar. “Para o historiador, é importante perceber o que está escrito, mas também o que está por trás do que foi escrito.” (CORREA, 2017, p.200)

Também é importante observar que as escolas possuem currículos a serem seguidos. Mas não há uma determinação de metodologias a serem utilizadas, são amplos os métodos a serem utilizados para o ensino. Entretanto, os professores só utilizaram os recursos e fontes que estão disponíveis na escola, que nem sempre as opções são diversas, mantém-se os livros didáticos, lousa e giz. Algumas escolas contam com laboratório de informática, biblioteca, data show, e até algumas revistas. Outro ponto também é que os professores utilizaram os recursos metodológicos que fazem parte da sua formação “Em se tratando da realidade brasileira em que o domínio sistematizado dos MC pelos professores é precário, lidar com meios como os de imprensa não constitui *saber docente*.” (ZANCHETTA, 2005, p.1499)

Pois bem, o que Zanchetta afirma é que ainda não foi inserido na formação para professores um preparo para trabalhar com os meios de comunicação, a menos que seja por grupos isolados, como grupos de estudos, formação continuada ou algum meio que o próprio docente em formação procure. Portanto, isso é apenas um exemplo de como trabalhar a mídia é um desafio.

É necessário ressaltar que as escolas possuem suas peculiaridades e estão inseridas em um determinado contexto, em diferentes regiões atendendo a públicos diversificados, o que significa que um único método não terá o mesmo resultado em todas as escolas. É preciso compreender como a escola utiliza das fontes midiáticas, se o método possui bons resultados e conhecer a formação que o professor tem, bem como os interesses dos alunos. Enfim, todo um conjunto de fatores que contribui para que haja bons resultados com o trabalho midiático. Da mesma forma, quando esse método de trabalho não traz bons resultados em uma escola, é preciso compreender os mesmos pontos.

Sendo assim, o próximo tópico apresenta os resultados dos questionários aplicado com os discentes de uma Escola Pública, da cidade de Cuiabá-MT.

## **5. Resultados obtidos com os questionários:**

A pesquisa foi realizada nas aulas de história, durante o Estágio Supervisionado IV em uma Escola Pública, localizada na cidade de Cuiabá-MT. A referida escola está situada em um bairro periférico da cidade, desenvolve suas atividades desde 1979, atendendo as demandas da região, em que novos bairros surgiam gerando aumento do número de crianças e jovens da região. Atualmente, a escola atende cerca de 1.183 alunos, de acordo com o Projeto Político Pedagógico disponibilizado pela escola.

Os questionários foram aplicados com os alunos do 3º ano do ensino médio, dos períodos matutino e noturno. Todas as turmas do 3º ano vigentes na época, sendo quatro turmas no período diurno e duas no período noturno, resultando ao todo em seis turmas que responderam ao questionário. Havia em média 105 jovens matriculados no ensino médio, mas ao todo foram 95 questionários respondidos.

Considerando que este trabalho foi desenvolvido entre setembro e dezembro de 2019, momento em que as escolas estaduais de Cuiabá-MT retomavam as atividades após um período

de greve, a qual durou cerca de 76 dias, a escola passava por um período em quem alguns alunos haviam deixado a escola, enquanto outros chegavam.

Num primeiro momento o questionário traz perguntas gerais a respeito do perfil dos alunos. Em seguida, tem uma questão sobre tempo e história. Depois, as indagações versam sobre a opinião dos alunos com relação ao ensino de história. Por fim, foram formuladas questões sobre a mídia.

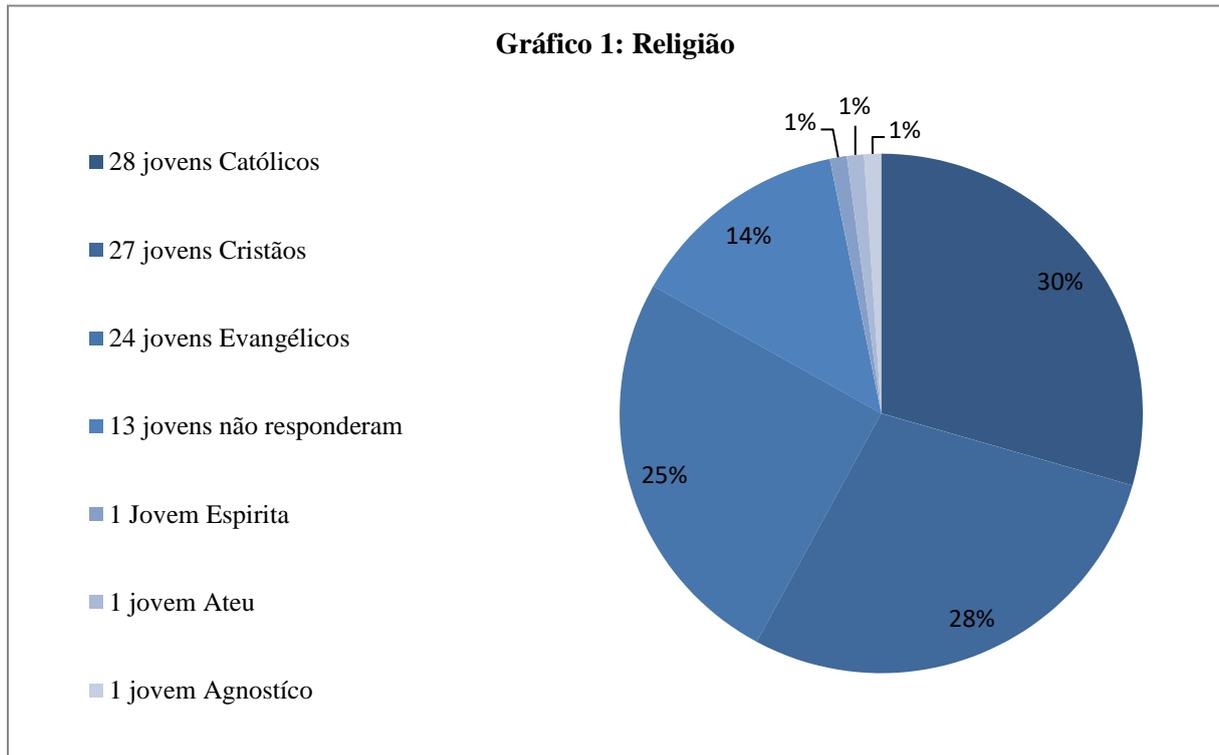
Com relação ao perfil dos alunos do 3º ano do Ensino Médio desta escola, tem-se a faixa etária entre 16 e 25 anos, como figura na tabela abaixo:

**Tabela 1: Idade dos discentes:**

<b>Idade</b>	<b>Aluno</b>
16 anos	1
17 anos	42
18 anos	32
19 anos	7
20 anos	2
21 anos	2
23 anos	1
25 anos	1
Não responderam	7

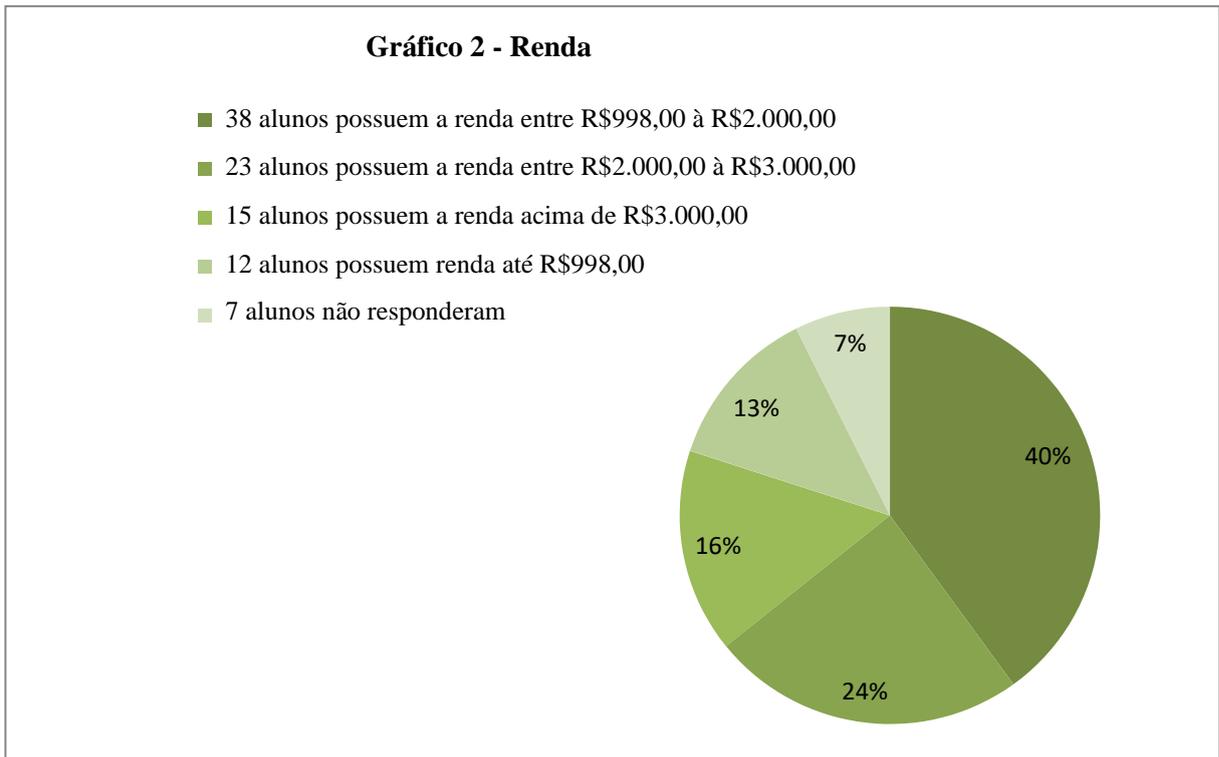
Desses dados apresentados, 27,36% desses jovens compõem o público do período noturno, com faixa etária de 16 a 25 anos; 72,63% dos alunos estão inseridos no período matutino, com faixa etária de 17 a 21 anos. Percebe-se que a maioria dos alunos tem 17 ou 18 anos.

Outra questão que fez parte da análise do perfil dos alunos foi a respeito da religião dos jovens. Com a pergunta obteve-se o seguinte resultado:



Como bem apresenta o gráfico, o catolicismo é a religião predominante entre os alunos do 3º ano dessa escola. Em seguida são os jovens que se denominaram como Cristãos, podendo ser jovens que seguem os dogmas cristãos sem vínculos com um grupo religioso, ou que por algum motivo, não quiseram expor sua entidade religiosa. Por exemplo, alguns jovens responderam a questão da seguinte forma “Cristão/Evangélico”; “Cristão/Católico” que é possível compreender que o jovem é cristão e pertence a uma determinada entidade religiosa. Na sequência estão os adolescentes que se apresentaram evangélicos. Além disso, 13 discentes não responderam a questão, talvez não entendesse a pergunta, pois alguns, nessa questão, escreveram o nome de algum bairro da cidade, pode ser que entenderam “Região” ao invés de “Religião”. E apenas um aluno se identificou como Ateu, outro, Espírita e um agnóstico.

Para finalizar as questões direcionadas ao perfil dos alunos, a última questão desse quadro constitui-se a respeito da renda familiar de cada aluno. A questão foi baseada na renda do salário mínimo vigente nesse período, sendo de R\$998,00. Segue o resultado:

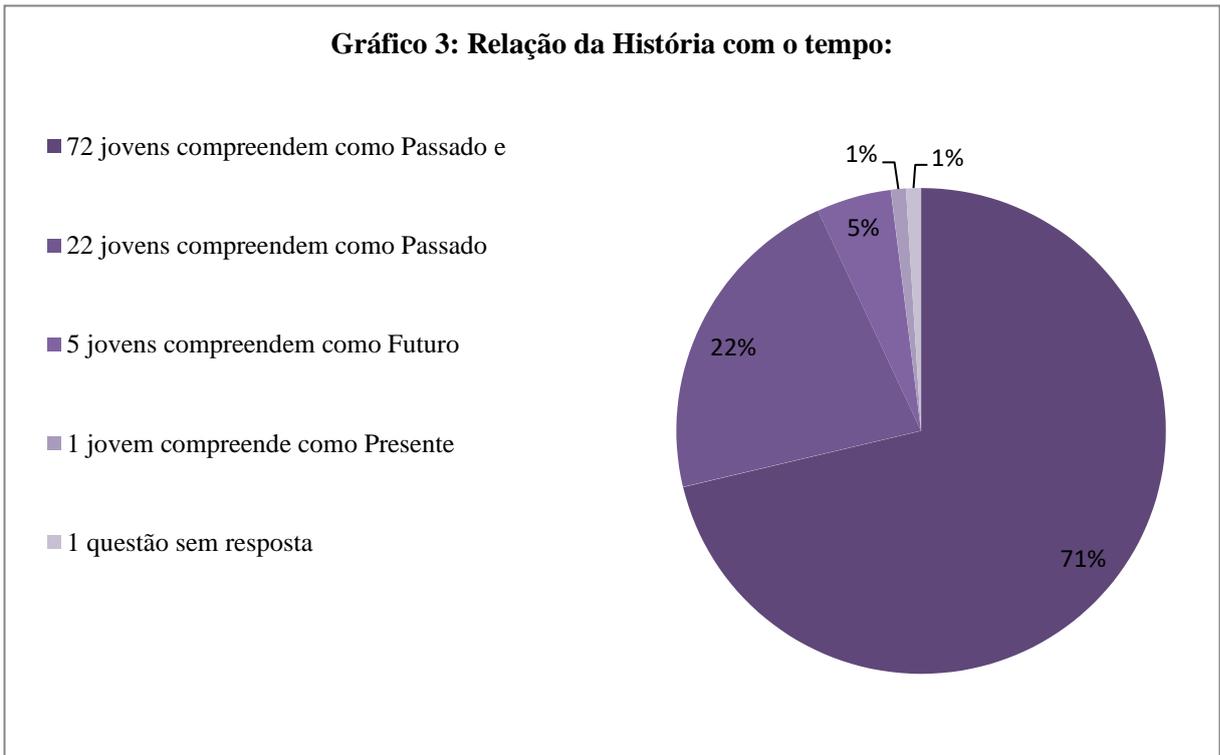


Conforme demonstra o gráfico acima, dos 12 adolescentes com renda entre R\$998,00 e R\$2.000,00 seis estão inseridos no período noturno e outros seis no período diurno. Referente aos 38 discentes que recebem em média dois salários mínimos, nove desses adolescentes frequentam o período noturno e 29 estão inseridos no período diurno. Quanto aos 23 alunos que possuem uma renda familiar de em média três salários mínimos, cinco desses alunos estão matriculados no período noturno e 18 no período diurno. Dos 15 adolescentes que tem renda familiar superior a três salários mínimos, quatro desses adolescentes estão inseridos no período noturno e 11 no período diurno. O que faz pensarmos na relação entre renda e turno de frequência na escola.

A questão seguinte visava compreender como os adolescentes percebem o tempo histórico. Sobre o fato do ensino de História ser marcado por trazer acontecimentos do passado:

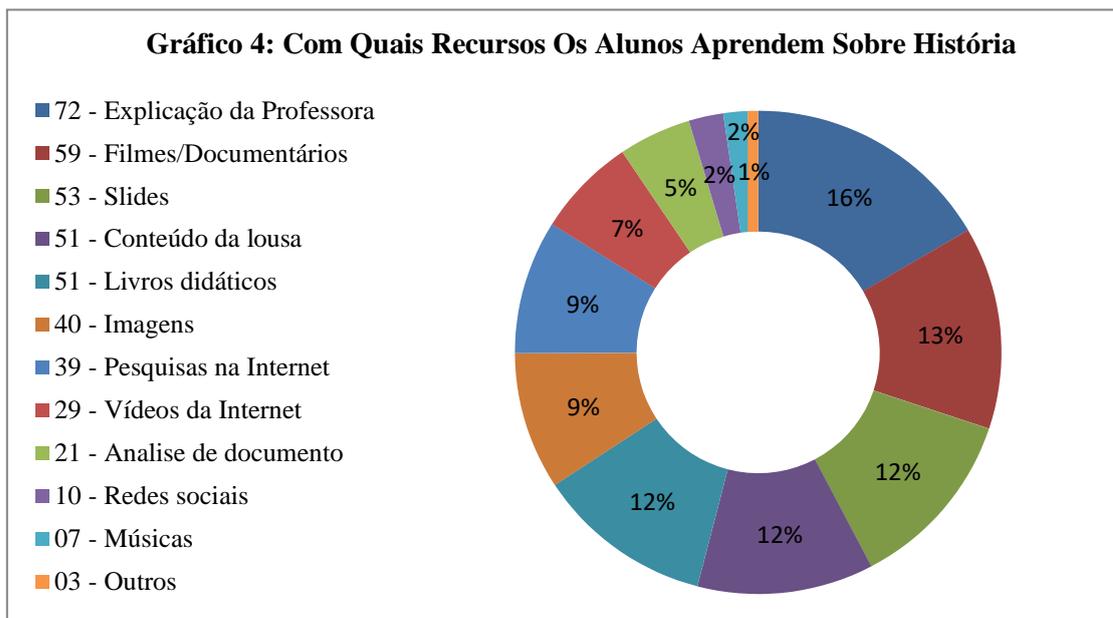
Essa prática conhecida por muitos gerou em grande parte dos estudantes [...] um distanciamento e indiferença ao ensino de história, gerando o senso comum de que a disciplina só trata de “coisas antigas” e que “não tem a ver” com nosso dia-a-dia. (FREITAS NETO, 2007, p. 66)

Apesar desta observação, tem-se os resultados abaixo:



Para essa questão, os discentes podiam assinalar mais de uma resposta, e por isso tem-se aqui o total de 101 respostas. Pois bem. No gráfico é notável que grande parte dos alunos conseguem relacionar a História em uma perspectiva de passado e presente. O que pode trazer um alívio se pensar que o ensino de História vem obtendo melhorias, e permitindo que os discentes se sintam construtores da História. “Quanto mais o aluno sentir a História como algo próxima dele, mais terá vontade de interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mais como uma prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer.” (PINSKY & PINSKY, 2007, p. 28)

A próxima pergunta do questionário versava sobre os recursos e fontes utilizados durante as aulas de história. Como resultado, temos abaixo:

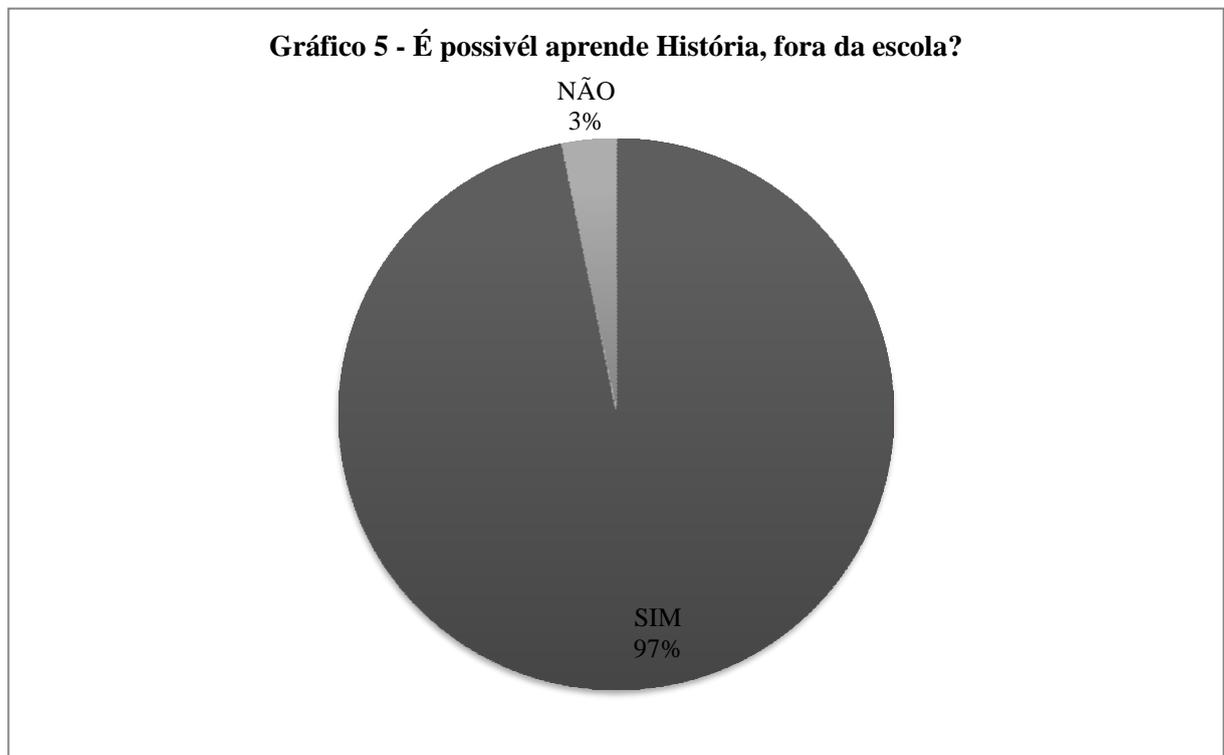


Como demonstra o gráfico acima, as respostas foram bem diversificadas. Nesta questão, os alunos poderiam assinalar mais de uma alternativa, dentre as 12 alternativas inseridas nesta questão; alguns assinalaram todas as alternativas, outros, apenas os recursos mais comuns, como a explicação pela professora, conteúdos da lousa e livro didático, que assim resultou em 435 repostas. Os alunos que assinalaram “outros” recursos para o ensino de História, deixaram como sugestões: HQ’s, aulas de campos e aulas dinâmicas, como exemplo de aula dinâmica tem - se debates durante as aulas.

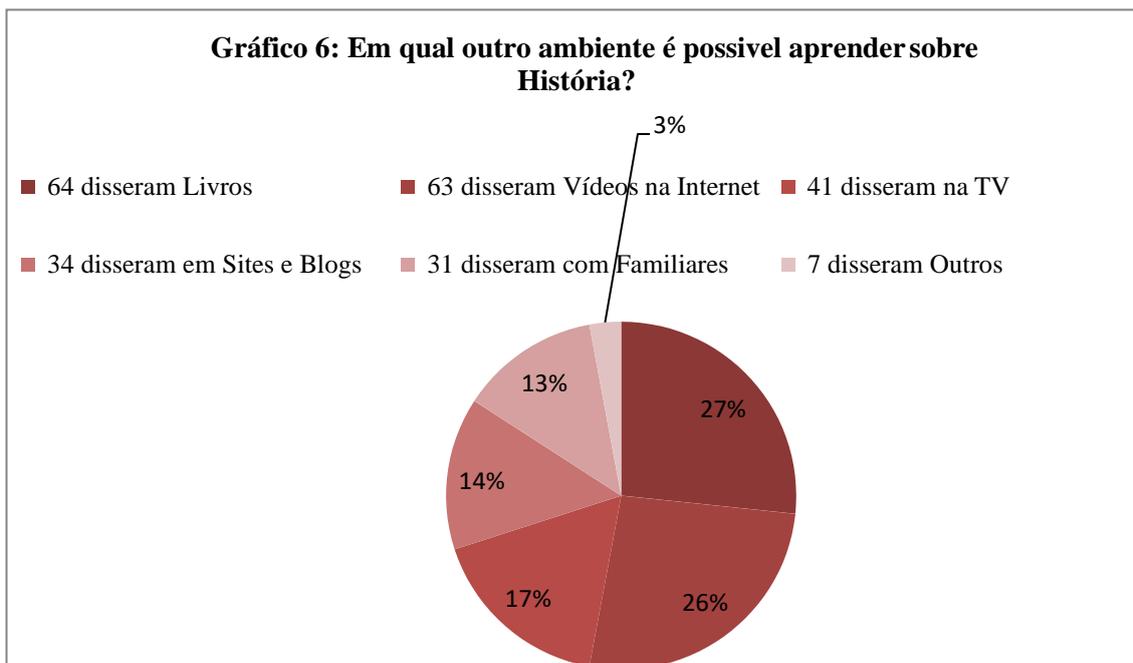
Considerando que os questionários foram aplicados com as turmas do diurno e noturno, e que as professoras são diferentes para cada turno, ao analisar as escolhas dos alunos por turma, a opção de “explicação feita pela professora” só não se manteve como a primeira escolha em uma turma.

Assim, na turma do 3 ano A, os recursos de maior preferência entre os alunos foram, respectivamente, as opções de: explicação feita pela professora, filmes/documentários e slide. Na turma B as opções foram: Slide, explicação da professora e livro didático. Já na turma C, a escolhas foram pela: explicação feita pela professora, conteúdo da lousa e livros didáticos. A turma D foi a menor turma de alunos em que foi aplicado o questionário e os discentes escolheram: explicação da professora e o livro didático, sendo que as demais opções manteve empate nas escolhas. O 3º ano E, em grande maioria assinalaram as opções de: explicação feita pela professora e livros didáticos, as demais mantiveram empate nas escolhas. E na turma F preferem os recursos: explicação feita pela professora, conteúdo da lousa e livros didáticos.

Ainda a respeito do ensino de História, outra questão foi sobre onde aprender História. Procurando saber pontualmente, por meio dos adolescentes, se é possível ou não aprender História fora dos meios escolares, obteve-se o seguinte resultado:

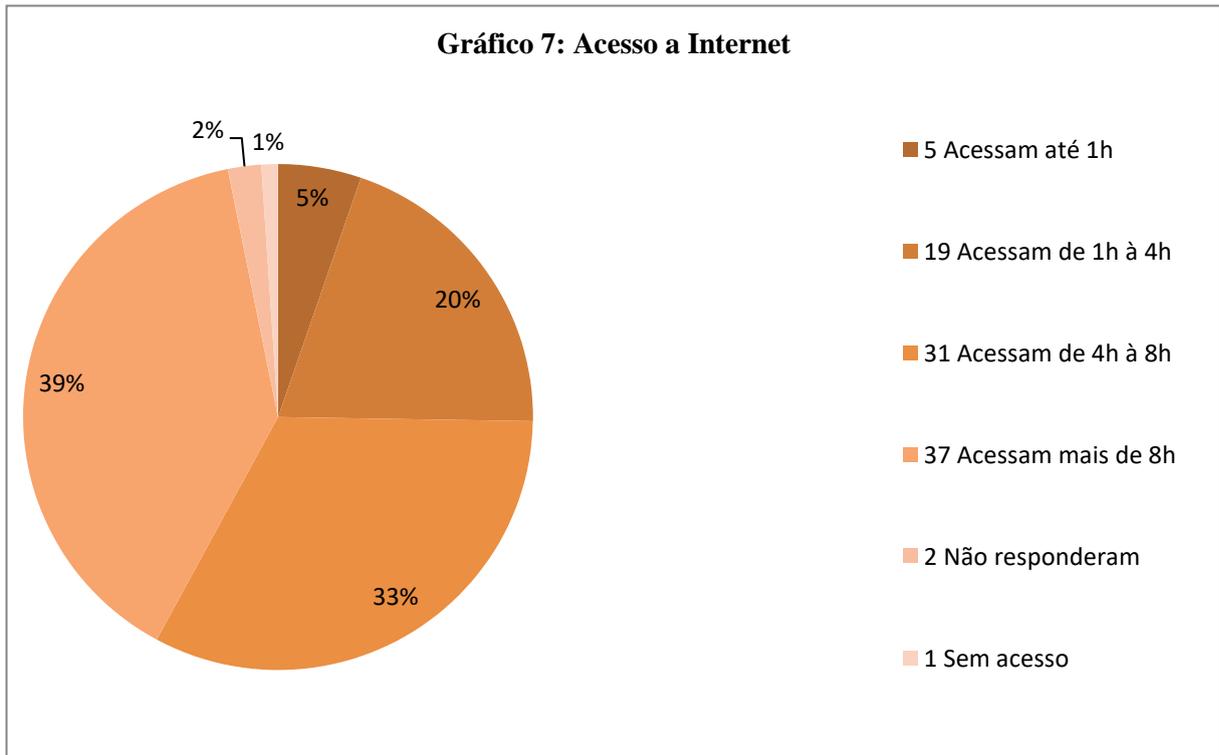


Aos que responderam sim, sendo 92 dos adolescentes, precisaram dizer em quais lugares. Algumas alternativas foram apresentadas e deixou-se espaço para outras sugestões. Nessa questão era permitido também assinalar mais de uma alternativa. Houve um dos alunos que respondeu não para essa questão, mas opinou sobre em qual outro ambiente é possível aprender história. Os resultados foram:



Aos que marcaram a alternativa “outros”, apresentaram as seguintes possibilidades de onde aprender História fora do ambiente escolar: Games; Teatro, Filmes e Séries; Museus de Histórias regionais; Cultura, no dia a dia, pontos turísticos; e nas ruas.

Até aqui, a mídia já aparece como uma das escolhas dos discentes, sendo acessada por diferentes meios. Assim, a próxima questão visa compreender como é a relação dos discentes com a Internet. Com a pergunta, pretende-se saber se os alunos possuem acesso à Internet e por quanto tempo os adolescentes utilizam da Internet no dia e dia, conforme apresenta o gráfico:



Como bem demonstra o gráfico, grande parte dos alunos possui acesso à Internet, apenas um aluno disse não ter acesso. Analisando essa questão com a que é representado no gráfico 6 sobre “em qual outro ambiente, fora da escola, é possível aprender história” 69 dos discentes que tem acesso à Internet sugeriram que é possível aprender história em sites, blogs ou vídeos na internet, ou seja, os jovens compreende que a mídia também é um meio para se aprender História.

Com isso, seguimos para as duas questões finais, onde buscava-se saber o que os alunos entendem por mídia. Essas últimas questões foram de caráter discursivas. Ao respondê-las, alguns alunos foram bem sucintos, utilizando três ou quatro palavras. Na tabela abaixo, consta as respostas que foram mais frequentes pelos adolescentes no questionário:

**Tabela 2: O que você entende por Mídia?**

Um tipo de comunicação	Meio de aprendizagem
Meio de comunicação	Algo para passar o tempo
Meio de transmissão de notícias e informações	Algo que dá notícia
Entretenimento	Algo bom e ruim
Assuntos que estão sendo mais comentados	Compartilhamento de informações
Comunicação	Propagandas e jornais
Meio de informação	Ferramentas tecnológicas

Redes sociais	Conjunto de pessoas, como jornalistas ou artistas.
Tudo que passa em uma telinha	Um meio por onde as pessoas se expressam, aderem conhecimentos e usam para entretenimento

Constam outras repostas que não se definem por esses exemplos mencionados acima. Alguns adolescentes não conseguiram escrever o que entendia por mídia, um adolescente até mesmo chegou a escrever “Não entendo nada”. E 14 adolescentes deixaram essa questão em branco.<sup>3</sup>

A última pergunta tinha como intuito saber dos alunos qual o papel da mídia na sociedade. Não muito diferente da questão anterior, 10 alunos devolveram a questão em branco, outros utilizaram a reposta anterior para responder a essa questão, outros apresentaram respostas interessantes, mas de difícil classificação.<sup>4</sup>

**Tabela 3: Qual o papel da mídia na sociedade?**

Gerar informação e comunicação	Manter a sociedade informada
Mostra acontecimentos	Trazer variedades de assuntos
Informar e entreter as pessoas	Compartilhar informação
Relatar fatos	Fazer propagandas
Influenciar, Manipular e formar ideologias	Ensinar e mostrar as mudanças
Informar o que acontece no mundo, e no dia a dia das pessoas	Expor a vida das pessoas e dos artistas
Discutir e transmitir assuntos	Transmitir algo que aconteceu ou alertar para algo que poderá acontecer

<sup>3</sup> Apenas para dar alguns exemplos, podemos citar: “Acontecimentos do meio artístico”, “Tudo que envolve algo popular”, “Novas tecnologias”.

<sup>4</sup> Como exemplo, temos: “Substituir jornais e livros”, “Informar esclarecer e globalizar”, “Divulgação de artistas e fornecimento de informação”

De forma sucinta, foram essas as respostas apresentadas pelos adolescentes. E observando essas respostas, é bem notável que a mídia é compreendida como um campo bem vasto de informações.

Para isso, é bom não confundir informação com educação. Para informar aí estão, bem à mão, jornais e revistas, a televisão, o cinema e a internet. Sem dúvida que a informação chega pela mídia, mas só se transforma em conhecimento quando devidamente organizada. E confundir informação com conhecimento tem sido um dos grandes problemas de nossa educação... (PINSKY & PINSKY, 2007, p. 22)

E diante desse campo vasto de informações, que cerca a sociedade de conteúdos novos constantemente, cabe aos educadores orientar os jovens a respeito do consumo dessas informações. Já que as informações nas redes digitais circulam muito rápidas e que se torna difícil de controlar. Pierre Lévy diz que as antigas mídias (correios, telefones, livros impressos...) quando adentraram ao ciberespaço tomaram novas formas. “Quase todo mundo pode publicar um texto sem passar por uma editora nem pela redação de um jornal.” (LÉVY, 2008, p.45) Ao mencionar essa questão, Pierre Lévy questiona a veracidade dos conteúdos a serem encontrados nas mídias digitais. “Deplora-se, por vezes, que qualquer um podendo publicar o que bem entende não há mais, no ciberespaço, garantia quanto a qualidade da informação.” (LÉVY, 2008, p.45)

De fato, nem todo conteúdo que está na mídia são verídicos. Considerando que grande parte dos jovens que frequentam a sala de aula utiliza e consome dos conteúdos midiáticos, de que forma podemos utilizar as diferentes mídias para o ensino de História?

Por fim, lembramos as colocações de Sotana em texto que trata sobre a utilização de jornais nas aulas de história. Apesar da delimitação do objeto, parece importante observar que a utilização de diferentes mídias no ensino de história, não apenas como um recurso/ equipamento, pode auxiliar:

Na formação de leitores reflexivos – tão relevante num período marcado pela velocidade na produção e consumo de informações. Além disso, a atividade pode fomentar o desenvolvimento da autonomia intelectual dos alunos, necessária para a realização de análises críticas da sociedade (SOTANA, 2018, p. 90).

## **6. Considerações finais**

O presente trabalho visou apresentar uma reflexão geral sobre mídia e ensino de história. Especificamente, procuramos coletar e descrever as opiniões dos discentes da Escola Estadual Eliane Digivov de Santana, da cidade de Cuiabá-MT, sobre mídia e ensino de história. Para tanto, aplicamos questionário e recorremos a pesquisa bibliográfica.

Com base nas leituras e nos questionários aplicados, compreendemos que a comunicação é um direito e que diferentes mídias são fundamentais nos processos de comunicação. Também observamos que existem diversos interesses nos conteúdos midiáticos produzidos, agentes envolvidos e contextos de produção/ circulação. Percebemos, ainda, a necessidade de distinguir quando há intenção de influenciar determinados grupos ou quando a ideia do conteúdo é apenas informativa. Mas como o sujeito conseguirá distinguir cada mensagem divulgada pela mídia?

A escola tem o dever de contribuir com convivência do indivíduo em sociedade. A humanidade passa por constantes mudanças que alteram determinados hábitos, pode se perceber isso ao longo de toda história da humanidade e isso causa um processo de mudanças na sociedade, pois “A invenção do fogo, da cerâmica, da roda, do aqueduto, do uso do vapor, etc. marcaram a vida de diferentes civilizações, mas foram alterando hábitos lentamente.” (THEODORO, 2007, p. 49)

Assim, o ensino não deve ser a mesma repetição de conteúdos ou métodos, pois a sociedade não é sempre a mesma. E a sociedade contemporânea tem interagido cada vez mais com mídia, o que exige que a mídia esteja presente na formação escolar, inclusive no ensino de história. Parece necessário para formarmos leitores, telespectadores e internautas críticos e reflexivos. Ou vamos privar a nova geração do espetáculo de que aprenda com eles?

Não se pode mais ignorar a importância da formação de um senso crítico e consciente a respeito do consumo de conteúdos midiáticos. O auxílio dos educadores no processo de formação e educação dos jovens é fundamental para despertar esse senso e contribuir para que os jovens sejam cidadãos cientes e construtores dos direitos e deveres. Que sejam capazes de compreender que a mídia é um espaço da cidadania, em que temos o compromisso com a divulgação de informação e conhecimento. Contribuir para formar o cidadão com liberdade não só de contemplar, mas também de questionar os conteúdos que a mídia lhe oferece, pois o senso crítico é parte da cidadania. Mas para que haja essa formação no ensino básico, primeiro ela deve fazer parte da formação dos educadores.

## **7. Referências:**

ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948. Disponível em: <<<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>>> Acesso em 02 de setembro de 2019.

ASSIS, Leandro Marlon Barbosa.; & FARBIARZ, Alexandre. Conectar ou desconectar. **Comunicação & Educação**, n.2, 2018. 21-33. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v23i2p21-33>> Acesso em 06 de fevereiro de 2020.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. História nas atuais propostas curriculares. In.:\_\_\_\_\_. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 4. ed. - São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. **O saber histórico na sala de aula**. 2 Ed. São Paulo: Contexto, 1998.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federal do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)> Acesso em 30 de agosto de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular: A área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**. 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc-etapa-ensino-medio>> Acesso em 15 de julho de 2019.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**. O longo Caminho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. Disponível em: <<file:///D:/CARVALHO,%20José%20Murilo%20de.%20A%20cidadania%20no%20Brasil.pdf>> Acesso em 1 de maio de 2019.

COELHO, Renata. Comunicação. In.: DUARTE, Jorge. **Glossário Experimental produzido no curso de Pós-Graduação em Gestão da Comunicação nas Organizações**. 2014. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/5131/1/Gloss%C3%A1rio%20de%20Gest%C3%A3o%20da%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%204.pdf>>. Acesso em 16 de setembro de 2019.

CORREA, Línive de Albuquerque. A Nova História Política e as fontes midiáticas: histórico, metodologias e fontes – breve comentário. **Albuquerque: journal of history**, v. 9, n. 18, 2017 . Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/5781>> Acesso em 11 de julho de 2020.

DUARTE, Jorge. **Comunicação pública**. Disponível em <<http://www.jforni.jor.br/forni/files/ComPúblicaJDuartevf.pdf>>. Acesso em 01 de outubro de 2019.

ESCOLA Estadual Professora Eliane Digivov de Santana. Projeto Político Pedagógico. Cuiabá. 2018.

FONSECA, Francisco. Mídia, poder e democracia: teoria e práxis dos meios de comunicação. **Revista Brasileira de Ciências Políticas**. n. 6, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-33522011000200003>> Acesso em 10 de julho de 2020.

FACHIN, Odília. Pesquisa. In\_\_\_\_\_. **Fundamentos de Metodologias**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Cidadania. In.:\_\_\_\_\_. **Novo Aurélio Século XXI: O dicionário da Língua Portuguesa**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREITAS NETO, José Alves de. Transversalidade e renovação no ensino de História. In: KARNAL, Leandro. (Org.) **História na sala de aula: conceitos, praticas e propostas**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 57-74 Disponível em: < <https://docero.com.br/doc.55xlxc> > Acesso em 24 de julho de 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

KARNAL, Leandro. (Org.) **História na sala de aula: conceitos, praticas e propostas**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007. Disponível em: < <https://docero.com.br/doc.55xlxc> > Acesso em 24 de julho de 2019.

LIBANIO, Deodato Rafael. MOREIRA, Benedito Díelcio. A Comunicação como Revelação do Novo: Uma discussão sobre a nova teoria da comunicação. **INTERCOM**. 2017. Curitiba. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2625-1.pdf>> Acesso em 24 de outubro de 2019.

LÉVY, Pierre. **O que é Virtual?.** SP: Ed. 34, 1996. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19651997000200018> > Acesso em 29 de janeiro de 2019.

\_\_\_\_\_. A Revolução Contemporânea em Matéria de Comunicação. **Revista FAMECOS**, v. 5, n. 9, 2008. 37-49. Disponível em: <<https://doi.org/10.15448/1980-3729.1998.9.3009>> Acesso em 30 de outubro de 2019.

MAINIERI, Tiago; ROSA, Elisa Costa Ferreira. Comunicação Pública, Cidadania e Democracia: algumas reflexões. **Revista Comunicação Midiática**. Goiânia, v. 7, n. 1, 2012. Disponível em <<https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/307>> Acesso em 01 de outubro de 2019.

MARCONDES FILHO, Ciro. De Repente, o Prédio Falou Comigo: Anotações sobre experiências metapóricas em Teoria da Comunicação. Disponível em <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1656.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1656.pdf)> Acesso em 14 de outubro de 2019.

\_\_\_\_\_. Primeira Palavra. In. \_\_\_\_\_. **Para Entender a Comunicação**. Contatos Antecipados com a Nova Teoria. São Paulo, Paulus, 2009. p.7-10.

MATTELART, Armand. A Construção Social do Direito à Comunicação como parte integrante dos direitos humanos Intercom - **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, vol. 32, núm. 1, enero-junio, 2009, pp. 33-49 Disponível em <<https://www.redalyc.org/pdf/698/69830991003.pdf>> Acesso em 14 de setembro de 2019.

\_\_\_\_\_. A Globalização da comunicação. 2. Ed. Bauru, SP. Edusc. 2002

MULLER, Alex Juarez. O Ensino de História e as Mídias Sociais no Ensino Médio. **Revista Educacional Interdisciplinar**. v. 5, n. 1. 2016. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiYpquNqJzrAhWnl7kGHQWoAw8QFjAAegQIBRAB&url=https%3A%2F%2Fseer.faccat.br%2Findex.php%2Ffredin%2Farticle%2Fdownload%2F424%2F392&usg=AOvVaw0uQWh2fkTaMoyeCO13O93>> Acesso em 14 de julho de 2020.

NAPOLITANO, Marcos. A História depois do Papel. In.: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 2.ed., I a reimpressão.— São Paulo : Contexto, 2008. Disponível em: <[http://gephishnop.weebly.com/uploads/2/3/9/6/23969914/fontes\\_historicas\\_carla\\_bassanezi\\_pinsky.pdf](http://gephishnop.weebly.com/uploads/2/3/9/6/23969914/fontes_historicas_carla_bassanezi_pinsky.pdf)> Acesso em 03 de julho de 2020.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Prefácio. In.: \_\_\_\_\_. **O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alternativas**. RJ: Contra Capa, 2016. p.7 – 40.

PEREIRA, Sandra Cristina Martins. **Sociologia da Comunicação: As bases de um estudo no contexto das organizações**. 2005. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-sandra-sociologia-comunicacao-bases-estudo.pdf>>. Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bressanezi. Por uma História prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro. (Org.) **História na sala de aula: conceitos, práticas e proposta**. 5. Ed. São Paulo: Contexto, 2007. p.17-36 Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/55x1xc>> Acesso em 24 de julho de 2019.

PINSKY, Jaime, Introdução. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bressanezi. **História da Cidadania**. São Paulo: Contexto, 2005. <[http://www.do.ufgd.edu.br/mariojunior/arquivos/pinsky/pinsky\\_introd\\_hebreus1.pdf](http://www.do.ufgd.edu.br/mariojunior/arquivos/pinsky/pinsky_introd_hebreus1.pdf)> Acesso em 06 de maio de 2019

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Disponível em: <[https://img.travessa.com.br/capitulo/COMPANHIA\\_DAS\\_LETRAS/SOBRE\\_O\\_AUTO\\_RITARISMO\\_BRASILEIRO-9788535932195.pdf](https://img.travessa.com.br/capitulo/COMPANHIA_DAS_LETRAS/SOBRE_O_AUTO_RITARISMO_BRASILEIRO-9788535932195.pdf)> Acesso em 15 de maio de 2020.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. Passados Possíveis: A Educação Histórica em debate. Seminário de educação Histórica. 6. 2014. Curitiba. LAPEDUH. P.125-138. Disponível em: <<https://lapeduh.files.wordpress.com/2014/10/anaisdo-6c2b0-seminc3alrio-final-versc3a3o-21.pdf>>

\_\_\_\_\_. A História do ensino de história no Brasil: Uma proposta de periodização. Revista: **História da Educação**. v. 16, n. 37. 2012. p. 73-91. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/24245>> Acesso em 02 de junho de 2020.

SORTO, Fredys Orlando. A Declaração Universal dos Direitos Humanos no seu sexagésimo aniversário. **Verba Juris** n. 7. 2008. Disponível em <<https://dialnet.unirioja.es/revista/7799/A/2008>> Acesso em 12 de setembro de 2019.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e Educação**. São Paulo: Contexto, 2011.

SOTANA, Edvaldo Correa. Meios de comunicação nas aulas de história do ensino fundamental em Aquidauana/MS: notas de pesquisa. In: BUENO, André; ESTACHESKI, Dulceli; CREMA, Everton [orgs.]. **Por um outro amanhã: apontamentos sobre aprendizagem histórica**. Rio de Janeiro/União da Vitória: Edição Ebook LAPHIS/Sobre Ontens, 2016. Disponível em: <[www.simpohis2016.blogspot.com.br](http://www.simpohis2016.blogspot.com.br)> Acesso em: 14 de janeiro de 2019.

\_\_\_\_\_. Da produção à leitura: considerações preliminares sobre a utilização de jornais nas aulas de história. In.: SQUINELO, Ana Paula; ZARBATO, Jaqueline (Orgs). **Ensino de História, Educação Histórica e Linguagens: olhares de docentes do Centro-Oeste brasileiro**. Campo Grande: Life Editora, 2018.

\_\_\_\_\_. Telenovela & Ensino de História. Revista: **Outros Tempos**. vol. 17, n. 29, Maranhão. 2020, p. 17 - 33. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18817/ot.v17i29.718>> Acesso em 15 de julho de 2020.

THEODORO, Janice. Educação para um mundo de transformação. In: KARNAL, Leandro. (Org.) **História na sala de aula: conceitos, praticas e propostas**. 5. Ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 49 – 56. Disponível em:< <https://docero.com.br/doc.55xlxc>> Acesso em 24 de julho de 2019.

THOMPSON, James J. Anatomia da Comunicação. In.: \_\_\_\_\_. **Anatomia da Comunicação**. Trad: José Monteiro Salazar. Rio de Janeiro, Bloch Editora, 1973.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **O que é cidadania?**. 2015. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=kWuhxP78dm8>> Acesso em 11 de agosto de 2020

ZALUSKI, Jorge Luiz. Ensinar História com as mídias: Possibilidades de utilização da música para o ensino de História. Revista: **Diálogos Multidisciplinares**. Paraná. 2013. v. 1, n. 3, p. 273-299. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/97f6/dafeef6e86ac574e957693610994fd5242f6.pdf>> Acesso em 15 de novembro de 2019.

ZANCHETA, Juvenal. Comunicação e Educação na América Latina: desafios políticos educacionais. **Resgate: Revista Interdisciplinar De Cultura**. São Paulo. v. 1, n. 2, p. 52-55. 2012. Disponível em <<https://doi.org/10.20396/resgate.v19i22.8645718>> Acesso em 14 de setembro de 2019.

\_\_\_\_\_. **O difícil diálogo entre escola e mídia**. Educ. Pesquisa, São Paulo, 2017. v. 43, n. 4, p. 1055-1071. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1678-4634201702149418>> Acesso em: 14 de janeiro de 2019.

\_\_\_\_\_. Circulação de textos midiáticos entre alunos de escola pública básica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 01, p. 297-310, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v36n1/a07v36n1.pdf>>. Acesso em 07 de maio de 2020.

\_\_\_\_\_. Educação para a mídia: propostas europeias e realidade brasileira. **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 30, n. 109, p.1103-1122, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a09.pdf>>. Acesso em: 07 de maio de 2020.

\_\_\_\_\_. Desafios para a abordagem da imprensa na escola. **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1497-1510, set./dez. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302005000400021&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302005000400021&script=sci_arttext)> Acesso em 08 de maio de 2020.

## 8. Anexos.

### 1. Identificação

ANO/TURMA: \_\_\_\_\_

IDADE: \_\_\_\_\_

RELIGIÃO: \_\_\_\_\_

RENTA MENSAL DA FAMÍLIA: ( ) Até R\$ 998,00 ( ) De R\$ 998,00 até \$ 2.000,00

( ) De 2.000,00 até R\$,3.000,00 ( ) Acima de R\$ 3.000,00

Nas perguntas a seguir, pode ser assinalada mais de uma alternativa.

### 2. O ensino de História tem relações com:

- A. ( ) Passado
- B. ( ) Presente
- C. ( ) Passado e Presente
- D. ( ) Futuro
- E. ( ) Nenhuma das alternativas

### 3. Na escola, você aprende sobre História quando se utiliza:

- |  |                              |
|--|------------------------------|
| A. ( ) Explicação oral feita pela professora | H. ( ) Slide                 |
| B. ( ) Conteúdos na lousa                    | I. ( ) Pesquisas na internet |
| C. ( ) Livros didáticos                      | J. ( ) Vídeos na internet    |
| D. ( ) Análise de Documentos                 | K. ( ) Redes sócias          |
| E. ( ) Imagens                               | L. ( ) Outros. Quais? _____  |
| F. ( ) Filmes/Documentários                  |                              |
| G. ( ) Músicas                               |                              |

### 4. É possível aprender História fora do ambiente escolar?

- A. ( ) Sim
- B. ( ) Não

### 5. Se sim para a resposta anterior, você aprende história por quais outros meios?

- |                            |                              |
|----------------------------|------------------------------|
| A. ( ) Com seus familiares | D. ( ) Em site e blogs       |
| B. ( ) Na televisão        | E. ( ) Em vídeos da internet |
| C. ( ) Em livros           | F. ( ) Outros. Quais? _____  |

---

6. Com que frequência você acessa a internet? Marque apenas uma das alternativas.

A. ( ) Até 1 hora por dia

B. ( ) De 1 a 4 horas por dia

C. ( ) De 4 a 8 horas por dia

D. ( ) Mais que 8 horas por dia

E. ( ) Não acesso

7. O que você entende por Mídia?

---

---

---

---

---

---

8. Qual o papel da mídia na sociedade?

---

---

---

---

---

---